

ÉTICA E TANATOLOGIA – DA DISTANÁSIA A ORTOTANÁSIA (AUTANÁSIA) (*)

EVALDO A. D'ASSUMPTÃO – MÉDICO
BIOTANATÓLOGO
EX-PROFESSOR DE ÉTICA DA PUC-MG
PRESIDENTE(2006-2008) DA ACADEMIA
MINEIRA DE MEDICINA .

ALGUNS CONCEITOS DE ÉTICA E BIOÉTICA

MORAL - Regras de Conduta para relação entre indivíduos e com a comunidade.

ÉTICA - Regras de Conduta numa determinada sociedade, numa época.

DEONTOLOGIA - Ciência dos deveres

BIOÉTICA - (EEUU 1971) - Ética ligada a VIDA em suas diferentes formas.

HISTÓRIA: a) Homem Pré-histórico: Trabalhar p/comer; Matar p/não morrer

b) Propriedade Privada -> Ricos e Pobres -> Escravidão

c) Grécia Antiga: Virtude ensina-se? “Disposição para só fazer o bem”.

Sócrates - Conhece-te a ti mesmo/// Só sei que nada sei.

Platão - Dualismo Corpo-Alma . Privilegia relação Homem-Estado

RELACIONAM O HOMEM À PÓLIS

Pitágoras - Respeitar a vida em todas as formas, desde antes do seu nascimento.

Aristóteles – O fim último do Homem é a Felicidade.

Estóicos(Fatalistas) e Epicuristas (O importante é ser feliz)

d) Idade Média (Sec.IV a XV) - Ética TEOCÊNTRICA – Deus é centro de tudo

e) Século XV - Ética Burguesa - Exploração do Homem pelo Homem

f) Século XVIII - Revolução Industrial; Positivismo de Kant; Iluminismo

Revolução Francesa - Ética ANTROPOCÊNTRICA: “Tudo que fizer faça como se quisesse que isso se transformasse em lei universal”

g) Século XX - Capitalismo Selvagem, Países Ricos exploram os Pobres

Ética e Religião são substituídas pelas regras da Economia. Só o LUCRO importa

h) Fim de Milênio - Milenarismo; Ética da Manipulação.

ÉTICA DA MANIPULAÇÃO: (Princípio Onfálico: Os outros que se danem!)

- a) Manipulação do homem (Processo educativo)
- b) Meios de Comunicação - Violência, AUSÊNCIA do BEM; Revolta contra tudo leva o humano à sua fragilização
- c) Publicidade é mais importante do que a Pesquisa (Ind.Farmacêutica britânica gastou 33 milhões de libras em publicidade e 30 milhões em Pesquisa. Objetivo: CRIAR NECESSIDADES e não mostrar qualidade.
- d) HOMO FABER substitui o HOMO SAPIENS. Produzir, consumir e NÃO pensar.
- e) Hedonismo - O PRAZER justifica tudo. (Diferença com FELICIDADE!)
- f) Imediatismo e Descartabilidade. Distanciamento (Realidade virtual)

REAÇÃO NECESSÁRIA:

- a) Refletir sobre a Pessoa Humana em suas 7 dimensões:
 - 1) Individualidade 2) Racionalidade 3) Liberdade 4) Criatividade
 - 5) Amorabilidade 6) Sociabilidade 7) Transcendentalidade
- b) Refletir sobre MINHA PRÓPRIA PESSOA:
 - 1) Educação de “berço” e continuada. 2) Vocação pessoal
 - 3) AUTO-ESTIMA (contra a **Auto-Imagem!**) 4) Relação c/os outros
 - 5) CONSCIÊNCIA CRÍTICA : VER, JULGAR, AGIR e REVER.
- c) Saber ATENDER. O que exige: 1) Disposição 2) Empatia 3) Respeito 4) Autenticidade 5) Apresentação
- d) O Humano será sempre o FIM e nunca o MEIO!
- e) Entender que “Nem tudo que é cientificamente possível, é moralmente permitido”.

SOBRE A DISTANÁSIA, A EUTANÁSIA E A AUTANÁSIA (ORTOTANÁSIA)

Antes de mais nada, é necessário conhecer, corretamente, o significado destes termos. São palavras de origem grega, que têm os seguintes componentes:

EU = Bom, DIS = Mau estado, anomalia, ORTHO = Certo

AUTO = Por si só. TÁNATOS = Morte

Portanto:

Distanásia = Morte em más condições

Eutanásia = Morte boa

Autanásia = Morte ocorrendo por si mesma (sem interferências)

Ortotanásia = Morte certa, correta.

A Eutanásia pode-se apresentar como um suicídio assistido ou como um homicídio dito piedoso. O primeiro, quando realizada pelo próprio enfermo e o segundo quando a ação letal é perpetrada por outra pessoa. Eutanásia tem origem grega, *eu* significando boa e *tánatos*, morte. Portanto, seu significado etimológico é “boa morte”. Tomando apenas por este lado, pode-se perguntar: quem não deseja uma boa morte, para si mesmo e para as pessoas que ama? Entretanto, a eutanásia é mais do que isso. É o ato deliberado e objetivo tomado para retirar a vida de uma pessoa que está em grave possibilidade de um sofrimento intenso, ou já se encontra nele, em razão de alguma doença incurável. Portanto é uma ação direta e específica para tirar a vida de uma pessoa que, necessariamente não está fase terminal. E isso a caracteriza, indiscutivelmente, como suicídio ou homicídio, dependendo de quem foi o autor da ação letal.

Já a ortotanásia tem como significado etimológico “morte certa”, tanto podendo ser interpretada como a morte para cuja ocorrência já não se tem qualquer dúvida ou então a morte correta, aquela que ocorre sem sofrimentos e com o paciente recebendo todo o conforto das pessoas que lhe são próximas. Sem dúvida é um termo ambíguo, mas com ele se quer definir a condição em que a morte do enfermo não será artificialmente prolongada, utilizando-se recursos extraordinários da moderna tecnologia que, ao invés de proporcionar conforto e tranqüilidade, impõem ao enfermo aparelhos, tubos e medicações, muitas vezes repletos de efeitos colaterais, desconforto, dor e sofrimento. Quando se detecta a inviabilidade terapêutica, suspendem-se aquelas que não lhe trazem benefícios genuínos, deixando que a morte ocorra pacífica e naturalmente.

Totalmente em oposição à eutanásia, na ortotanásia não se toma qualquer medida para tirar a vida do enfermo.

A este procedimento, que há muito anos vimos defendendo, demos o nome de autotanásia e, por haplologia, autanásia, em artigo publicado num periódico médico, no ano de 1992. E o fizemos porque o prefixo grego *auto* significa “por si mesmo”, sem a interferência de nada ou de ninguém. Assim, autanásia representa a humildade e a submissão da medicina à inexorabilidade da morte, deixando-a acontecer naturalmente, por si só, quando o resgate de uma vida digna se faz impossível. Não significa, de forma alguma, o abandono do paciente. Muito pelo contrário, pois sua exigência maior é o cuidado genuíno do enfermo, proporcionando

permanente atenção às suas necessidades e alívio às suas dores ou sofrimentos. Mas também não é afogá-lo em medidas terapêuticas heróicas que, não lhe trazendo nenhum benefício, trarão sim um sofrimento maior, além de falsas esperanças para a família que, assistindo a lentidão do processo tanático, irá acreditar que o enfermo está melhorando, inclusive evoluindo para a cura.

Somam-se a isso, os custos elevadíssimos de tais procedimentos, que espoliam a família ou os planos de saúde, sem trazer qualquer benefício senão para quem recebe tais proventos.

Isso posto, podemos afirmar que a autanásia – forma haplológica de autotanásia – é uma ação ética e moralmente correta, enquanto a eutanásia não, constituindo-se em indiscutível homicídio.

De outro lado estão os defensores da eutanásia, que o são, ou por um total desconhecimento da psicologia do enfermo terminal, ou por serem visceralmente pragmáticos e sem uma perspectiva transcendental da vida, ou ainda pela incapacidade pessoal de lidar com as perdas e o sofrimento. Vejamos rapidamente cada uma dessas razões.

O enfermo terminal vivencia, no decorrer de seu processo patológico, diversas fases psicológicas. Uma delas, como as demais superável por uma adequada assistência psicológica, é a raiva. Nela, a uma extrema revolta pela doença que o acomete, soma-se a dor física mal tratada e, o que é pior, a dor emocional pelo abandono, pela falta de assistência, apoio e carinho de seus familiares, quando isso acontece. Nessas condições, o enfermo só quer uma coisa: a morte. Por isso pede a eutanásia.

A resposta não será, obviamente, conceder-lhe a morte rápida, mas os cuidados adequados, tanto para a dor física, hoje com possibilidades eficientes de alívio, quanto para o sofrimento emocional, através de uma assistência psicológica dada pela biotanatologia, para o enfermo e para seus familiares.

Uma vez suprido em suas necessidades de atenção, carinho e medicação sintomática – que constituem o que se chama de cuidados paliativos – o enfermo que antes solicitava a eutanásia, agora já não busca mais a morte. Esta é uma experiência que hoje já se encontra bastante sedimentada no mundo inteiro.

O pragmatismo, geralmente materialista, vê a pessoa e sua vida como algo apenas funcional. Se não está funcionando bem, acabe-se com ela. Principalmente

se conservá-la resulta em grandes despesas para os que ficam ou, o que é ainda mais indesejável: impede a rápida divisão de uma possível e substancial herança. Age-se como se faz com um aparelho que já não funciona bem, nem tem conserto: joga-se no lixo. Mas o ser humano não é um aparelho, não é um boneco estragado, não é um objeto.

O último ponto é a nossa incapacidade de lidar com a dor e com o sofrimento. Se eles ocorrem em nós, buscamos rapidamente analgésicos ou tranqüilizantes, não importa a sua verdadeira razão. Queremos eliminar os sintomas, mesmo sem conhecer as causas. E, com certeza, mantendo as causas, voltarão os sintomas. E se acontece com os outros, fugimos de sua proximidade ou tratamos de silenciá-los.

Descobrimos o sentido da vida, a maravilha desse dom precioso que recebemos, sua fragilidade e sua inescrutável importância e significado, com certeza rejeitaremos toda e qualquer ação para se tirar a vida de alguém ou a nossa própria. Seja lá por que razões e argumentações forem.

A vida é um presente insubstituível e, mesmo com grandes limitações, ela é única e irrepetível. Isso é suficiente para defendê-la de modo incondicional, desde a concepção até o seu último alento. Sem cortá-la violentamente, mas também sem prolongá-la artificialmente.

Por razões como essas, o Conselho Federal de Medicina, mui sabiamente baixou resolução 1.805/2006, apoiando a Ortotanásia (Autanásia) e, pelas mesmas razões, a CNBB deu a ela a sua aprovação. Afinal, tiveram o belíssimo exemplo de João Paulo II que, diante da inexorabilidade da morte, recusou-se a ser submetido a tratamentos inócuos, porém caros e traumáticos.

Concluindo, a eutanásia fere o valor fundamental da vida que é algo que não podemos criar do nada. Se não o podemos, também não podemos simplesmente suprimi-la. Esta interdição ética e moral com certeza se aplica a todas as formas de homicídio, sejam os explícitos, que a todo o momento vemos nos noticiários da mídia, como as formas dissimuladas, tais como a fome, a miséria, a falta de eficiente atendimento médico-hospitalar pelo sistema governamental de saúde e tantas outras que, tal e qual balas perdidas, ceifam vidas, por vezes com requintes de verdadeira crueldade.

Já a autanásia – ou ortotanásia como costuma ser oficialmente denominada – é ética e moralmente válida, pois aceita o fluxo natural da vida, não induzindo nem

apressando a morte, mas também não a prolongando artificialmente. Apenas respeita a sua inexorabilidade quando todos os recursos razoáveis da medicina se esgotaram, deixando prevalecer apenas a vaidade tecnológica de quem, sentindo-se deus, não aceita suas próprias limitações humanas.

Outras leituras:

- 1) Moser, A. – **Biotecnologia e Bioética. Para onde vamos?** – Ed. Vozes, Petrópolis, RJ 2004
- 2) Pessini, L. – **Distanásia. Até quando prolongar a vida?** - Ed. Loyola, SP 2001
- 3) Pessini, L. – **Eutanásia. Por que abreviar a vida?** – Ed. Loyola, SP 2004
- 4) Pessini, L. e Barchifontaine, C.P. – **Problemas atuais de Bioética** – 6ª. ed. - Ed. Loyola – São Paulo, 2002
- 5) – **Iniciação à Bioética** – Conselho Federal de Medicina, DF 1998
- 6) D’Assumpção, EA – **Biotanatologia e Bioética** – SP, Ed. Paulinas, 2005
- 7) D’Assumpção, EA – **Bioética e Cidadania** – Vol. 02 da coleção Biotanatologia e Bioética – Belo Horizonte, Fumarc, 2002
- 8) D’Assumpção, EA – **Comportar-se fazendo – Bioética para quem se interessa pela ética** – Ed. Vozes, Petrópolis, RJ 1998
- 9) D’Assumpção, EA – **Os que partem, os que ficam** – Ed. Fênix, BHte. 2007
- 10) Drumond, J.G.F. – **O “ethos” medico** – Ed. Unimontes, Montes Claros, MG 2005
- 11) Freire de Sá, M.F. – **Direito de morrer. Eutanásia, suicídio assistido** – Ed. Del Rey, Belo Horizonte, MG 2001

(*) – **Este texto foi parcialmente publicado no caderno PENSAR, do jornal ESTADO DE MINAS de 21 de abril de 2007**